

Capítulo IV – PASSADAS EM “NEW YORK”

Eu cheguei primeiro ao restaurante em Botafogo e sentei-me à mesa sugerida pelo maitre, sempre gentil com o cliente de destacada assiduidade. A pontualidade nos encontros é uma das características que sempre preservei. Como nem todas as pessoas colocam esse princípio entre as prioridades de comportamento social, considerei normal não encontrar o meu amigo no restaurante com a antecedência recomendada. Quanto a mim, já estava sentado, e com o guardanapo branco estendido no colo, dez minutos antes da hora marcada com Mark.

Naqueles dias de maio, usar terno com gravata não era a pior coisa que podia acontecer a quem trabalha no Rio de Janeiro. As temperaturas mais amenas permitem que uma pessoa mesmo usando um traje tão inadequado para uma região tropical possa atravessar alguns quarteirões, sem correr o risco de se afogar no próprio suor. Mas, como Botafogo é distante do Centro, onde estava localizado o meu escritório, preferi usar o meu carro que foi deixado com o manobrista na entrada do restaurante.

Mark chegou com um atraso de 5 minutos que não mereceu nenhum tipo de observação da minha parte. Mark era filho de pai americano e mãe francesa que se mudaram para o Brasil quando ele tinha pouco mais de 1 ano de idade. Embora seu pai fosse engenheiro especialista na indústria de petróleo, Mark tinha se formado em economia na PUC, onde completou o mestrado na área de negócios relacionados ao setor de óleo e gás. Ele levava Jean como primeiro nome que, no entanto, só era usado em situações muito formais.

Nós nos conhecemos em um evento internacional realizado poucos anos antes no Rio de Janeiro, com foco principal no desenvolvimento da exploração e produção de petróleo no Brasil. Mais comum, ainda, entre os dois amigos, era o hobby da corrida de rua. Sempre que as agendas permitiam, combinávamos um treino na privilegiada orla de Copacabana e Ipanema ou em volta da bucólica Lagoa Rodrigo de Freitas.

Durante o almoço e após esgotarem os assuntos mais profissionais e comentarem algumas situações mais pessoais, eu apresentei ao amigo, que se abstraía levemente na escolha da sobremesa, uma proposta inusitada: por que não correr a Maratona de New York no início de novembro

Capítulo IV – PASSADAS EM “NEW YORK”

Mark arregalou os olhos, tamanha a surpresa diante do desafio lançado por mim. A primeira pergunta que ele fez, após se ajeitar na cadeira, refazendo-se do susto, era a mais óbvia de todas: de onde eu tinha tirado essa ideia ? Afinal, nós éramos corredores de meros 8 km e uma maratona representava percorrer mais de 42 km !

Eu expliquei que havia lido em uma revista americana, especializada em provas de rua, uma reportagem completa a respeito da edição do ano anterior da maratona. Além de ser na fabulosa New York, a competição era um estrondoso sucesso e já tinha alcançado mais de 23.000 inscritos, de aproximadamente 80 países. E este era um aspecto importante: os organizadores tinham como um dos principais objetivos do evento, aumentar o fluxo de turistas na cidade, trazendo corredores e corredoras do mundo inteiro, quase sempre acompanhados de seus familiares, técnicos e amigos.

O resultado positivo do planejamento dos organizadores da maratona era conseguido, em boa parte, por meio de credenciamento de pelo menos uma agência de turismo em cada país. Cabia então, à agência autorizada oferecer os pacotes de viagem contendo basicamente a passagem aérea, a hospedagem – com alternativas de hotéis, de acordo com a respectiva categoria – e a própria inscrição na maratona.

Desta forma, para um corredor amador brasileiro interessado em participar da mais badalada prova de rua no mundo, bastava procurar a agência credenciada no Rio de Janeiro e fechar a contratação do seu pacote. Indispensável era definir tudo com a devida antecedência, pois a procura era enorme e a quantidade de inscrições oferecida a cada país pelos organizadores, via agência de turismo, era muito limitada.

No final do almoço, os amigos decidiram que iriam buscar viabilizar o grande desafio. Os treinos seriam intensificados, cabendo a mim a responsabilidade de contatar a agência de viagem para colher maiores detalhes da inscrição na maratona.

Capítulo IV – PASSADAS EM “NEW YORK”

Poucos dias depois, eu passei para o meu amigo Mark as informações mais importantes para que ele iniciasse as tratativas com a agência. Quanto aos treinos mais puxados e frequentes, nós padecíamos diante de nossas agendas profissionais repletas de compromissos e viagens.

Mesmo assim, eu tentava compensar no final de semana o volume de treinos que não havia sido executado durante os dias de trabalho. Em dois domingos seguidos, eu convidei Mark para um treinamento intensivo na Estrada das Paineiras. Seriam 8 km de subidas e descidas. Nas duas oportunidades, Mark alegou que precisava terminar relatórios importantes para entregar na empresa onde trabalhava, pois os prazos estavam prestes a vencer. Eu precisava cumprir minimamente o esquema de treinos e decidi manter o planejado. Para evitar qualquer redução no meu nível de motivação, diante da ausência do meu principal parceiro, chamei dois amigos que me acompanharam nos treinos programados para as Paineiras.

O comportamento de Mark, declinando dos meus convites – na condição de futuro companheiro de maratona – para incrementar os treinos, não chegou a me despertar preocupação. Porém, quando, dias depois, durante uma conversa por telefone, Mark, ao ser indagado por mim, afirmou que ainda não havia entrado em contato com a agência de viagem, deparei-me diante de um hipotético desinteresse da parte dele em enfrentar o desafio em New York, algumas semanas à frente.

Marcamos então, um almoço para uma avaliação do estágio dos preparativos para a viagem, pois a agência tinha dado somente mais dois dias para manter as reservas que havíamos feito.

Com a minha tradicional ansiedade nos momentos decisivos brotando à flor da pele, no início do almoço evitei os assuntos menos densos que costumavam surgir como temas nas primeiras conversas e fui direto ao assunto que me afligia: o real comprometimento de Mark com a corrida em New York. No fundo, eu temia que o amigo adotasse uma posição dúbia, a poucas horas do cancelamento das reservas na agência de viagem.

Sendo assim, a verdade definitiva precisava brotar e se consolidar, ali, naquela mesa.